

Curso faz operário aumentar produção

por Cristina Borges
do Rio

O grupo Cataguazes-Leopoldina, formado por dezessete empresas, que empregam 23 mil funcionários, tem um sistema misto de formação de mão-de-obra. Recorre aos alunos formados pelo Senai, mantém escolas próprias e financia cursos em estabelecimentos de ensino particular. O presidente do conglomerado, Ivan Muller Botelho, defende a participação da iniciativa privada na área da educação formal.

"O governo se arvora o direito de fazer tudo, mas não executa nada. Ele não tem dinheiro para construir escolas e mantê-las. Uma sugestão a ser estudada é dar um incentivo às empresas como dedução no Imposto de Renda mediante a contrapartida da exigência da criação e manutenção de escolas do nível primário ao superior", diz Botelho. O empresário se entusiasma com resposta dada pelo trabalhador, quando lhe é propiciado o acesso ao ensino. "Ele aprende e sua produtividade aumenta", acrescenta ele.

Na área de energia elétrica, o grupo Cataguazes-Leopoldina tem um sistema de ensino profissionalizante bem montado. Em Cataguazes (MG) há uma escola da empresa que, além de ministrar a educação formal, com orientação pedagógica e psicológica, oferece diversos cursos técnicos. Os funcionários são promovidos na medida em que terminam cada um deles. Além disso, há a realização de seminários, com duração de três dias, em um hotel-fazenda, três vezes por ano.

Mas a estrutura de formação de

mão-de-obra especializada em outros setores de atuação do grupo Cataguazes-Leopoldina, segundo Botelho, ainda precisa ser aperfeiçoada, já que os atuais cursos profissionalizantes não conseguem atender à demanda. Botelho informa que, na indústria têxtil, a nível de pessoal não-qualificado, as escolas oficiais existentes são muito deficientes, o treinamento oferecido é "muito rústico, elementar. Isso é um grande erro", diz ele. Já a nível médio, nas categorias de mestre e contramestre existem cursos do Senai que fornecem algum conhecimento, "mas ainda insuficiente."

Para superar essa dificuldade, Botelho informa que uma das empresas do grupo, a Multifábrica, em Cataguazes (MG), iniciou um programa que prevê a educação formal e técnica, aliada à prática desportiva. Primeiro está sendo desenvolvida, há um ano, a atividade física. Os 1,2 mil funcionários das três fábricas do grupo, na região, têm aulas de ginástica, natação, vôlei, basquete e futebol, antes e depois do horário de trabalho. "Essa iniciativa reduziu o número de acidentes e ajuda a descontrair o clima de trabalho, que ficou mais ameno", diz Botelho.

Já no setor de eletrônica, o grupo Cataguazes-Leopoldina enfrenta o problema de não encontrar mão-de-obra especializada, porque as suas fábricas estão localizadas em cidades grandes. A opção é utilizar mão-de-obra proveniente de outros setores para realizar o trabalho de montagem. Os funcionários de nível médio, que precisam de reciclagem e aperfeiçoamento, têm cursos particulares pagos pela empresa.